



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: EXAME

Data: 31/08/2016

Caderno/Link: Pág. 54, 55, 56 e 57.

Assunto: Como ganhar dinheiro se o Brasil de certo



ISSN 0102288-1 R\$ 18,00
01120
9 770102 288002

ALIMENTAÇÃO • O Burger King incomoda o McDonald's
TRANSNORDESTINA • Custou 11 bilhões e não serve para nada

EXAME

EDIÇÃO 1120 • ANO 50 • Nº 16 • 31/8/2016

www.exame.com

.. . . COMO
GANHAR
DINHEIRO
SE O
BRASIL
.. . . DER CERTO

E 3 MOTIVOS PARA ACREDITAR NISSO



O VALE DO SILÍCIO DO CAMPO

Com universidades fortes em pesquisa na agricultura, o interior de São Paulo estimula startups voltadas para o setor e atrai capital de risco — um arranjo que emula o do polo de tecnologia da Califórnia | LEO BRANCO

A **TRAJETÓRIA DO AGRÔNOMO** Marcelo Poletti, de 41 anos, é um exemplo de uma nova vocação que o interior paulista vem mostrando ter: a de berço para startups voltadas para o agronegócio. Em 2007, Poletti concluiu doutorado em entomologia pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), braço da Universidade de São Paulo instalado em Piracicaba, a 164 quilômetros da capital. Poletti pesquisou o uso de duas espécies de ácaro no combate a um terceiro tipo, chamado de rajado, vilão de plantações de hortaliças Brasil afora. Ao fim dos estudos, a perspectiva de mercado para esse tipo de controle biológico animou Poletti a aproveitar a existência de uma incubadora na faculdade, a EsalqTec, que aluga espaço físico para empresas de alunos a taxas módicas de até 400 reais. Ali, ele transformou sua pesquisa num negócio, a Promip. Em 2015, a Pro-

mip teve receitas de 8 milhões de reais — o dobro do obtido em 2014. Neste ano, a expectativa é repetir a expansão. Metade do faturamento virá de um laboratório aberto pela Promip há sete anos nos arredores de Campinas, também no interior paulista, onde 80 pesquisadores testam fórmulas de controle biológico para grandes fabricantes de defensivos agrícolas, como a suíça Syngenta e a alemã Basf. A demanda deve motivar a abertura em breve de uma unidade semelhante em Piracicaba. “Aqui estou perto de clientes e de tecnologias de ponta”, diz Poletti.

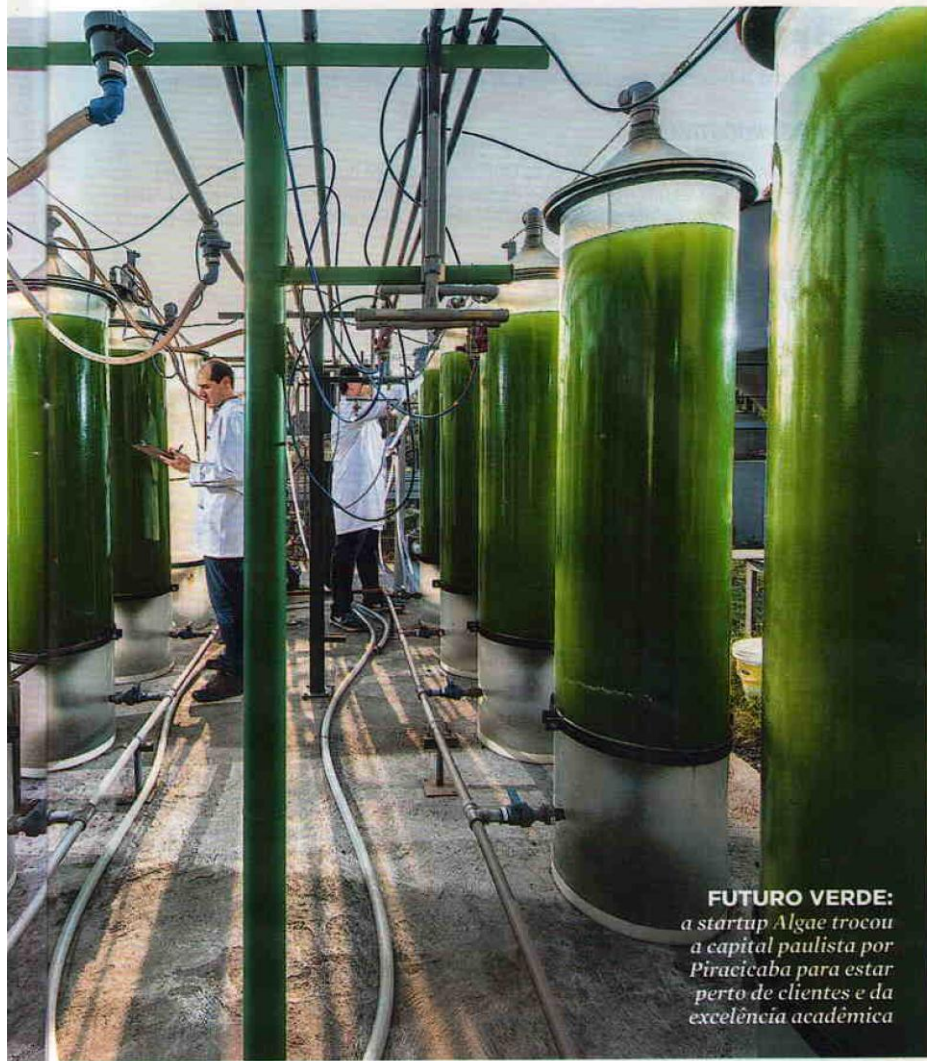
Normalmente associadas às grandes metrópoles, as startups tomaram o caminho do interior paulista — pelo menos no agro. Segundo a Endeavor, uma organização de apoio ao empreendedorismo, há 3 000 empresas de pequeno e médio porte na cadeia do agro em cidades como Campinas, São Carlos, Botucatu e Piracicaba — um aumento de 200% em relação a 2009. O que mo-



tiva a tendência? Uma razão forte é a consistência da pesquisa em ciências agrárias e biotecnologia feita na região. A pesquisa é o ponto de partida de boas ideias que vêm sendo postas em prática por jovens empreendedores focados na geração de negócios com alto potencial de crescimento. Das universidades públicas locais (as estaduais USP, Unicamp e Unesp, e a federal UFSCar) e dos laboratórios da estatal de pesquisa Embrapa na região saíram 21 000 artigos científicos desde 2011, segundo o SciVal, buscador de pesquisas acadêmicas da editora Elsevier. É uma produção 25% superior à de universidades como



Baixe o aplicativo Blippar e assista a uma entrevista com a empreendedora de startup da EsalqTec e veja como é o laboratório da Promip em que insetos são usados para controle de pragas na lavoura (saiba mais na pág. 12)



FUTURO VERDE:
a startup *Algae* trocou a capital paulista por Piracicaba para estar perto de clientes e da excelência acadêmica

Promip, que levou 4 milhões de reais no fim de 2014. Não foi o primeiro aporte no negócio. Nos primeiros dois anos de operação, a demora do registro no Ministério da Agricultura para o controle biológico com ácaros, impedindo a venda da tecnologia, foi contornada com apoio da Fapesp, a agência paulista de inovação, que ofereceu 600 000 reais a fundo perdido para a Promip. O recurso veio do Pipe, um programa dedicado a cientistas dispostos a vender uma inovação. Em 2016, o Pipe deverá desembolsar um recorde de 50 milhões de reais. “Estamos capitalizados”, diz Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor da Fapesp.

Com abundância de pesquisa e capital interessado, algumas cidades do interior paulista estão montando parcerias para atrair startups do agronegócio. Em maio, a Esalq anunciou o AgTechValley, um selo para 50 empre-

A cadeia do agro no interior paulista triplicou desde 2009: de lá para cá, foram criados mais de 2000 negócios

Stanford e Berkeley, embriões do Vale do Silício, na Califórnia, o mais conhecido reduto de startups no mundo. Somente a USP publicou 9 000 artigos em ciências agrárias desde 2011. É 30% mais que toda pesquisa em ciências agrárias de Israel, país líder mundial em fertilização de terras áridas. O Brasil inova no campo desde os anos 70, com o melhoramento de solo no Cerrado comandado por órgãos públicos como a Embrapa. “Agora a inovação também virá de startups”, diz Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura e chefe do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas. “O inte-

rior paulista, pela concentração acadêmica, é a vanguarda desse processo.”

A novidade tem chamado a atenção do capital de risco. Em julho, a empresa de biotecnologia Monsanto anunciou um fundo em parceria com a Microsoft para aportar 300 milhões de reais em empresas de setores em que o Brasil apresenta vantagem competitiva — o agronegócio à frente deles. A Desenvolve SP, agência de investimentos do governo paulista, tem 330 milhões de reais, levantados em 2010 com o BNDES e investidores privados, para aportes em empresas inovadoras de São Paulo. Uma das investidas foi a

sas de ex-alunos com quem mantém trabalho conjunto de pesquisa. A Esalq pretende abrir um segundo berçário de empresas, num projeto apoiado pela consultora Accenture, parceira do Cubo, espaço do banco Itaú para reunir startups na capital paulista que se tornou um reduto de jovens empreendedores do país inteiro desde a abertura em setembro de 2015. “A ideia é sediar um Cubo para o agronegócio”, diz Sérgio Barbosa, gerente da EsalqTec. Em São Carlos, a Embrapa e a Qualcomm, fabricante americana de processadores, investirão 2 milhões de reais num laboratório de pesquisas so-

bre o uso de drones em lavouras, divulgado em junho. O objetivo é criar equipamentos com custo de até 5 000 reais. “Queremos baratear as tecnologias para atrair startups interessadas em levá-las à prática”, diz Lúcio de Castro Jorge, pesquisador da Embrapa. À excelência acadêmica local soma-se a proximidade de clientes dispostos a tirar proveito da inovação — as lavouras paulistas de cana-de-açúcar e laranja foram pioneiras no país na adoção de melhoria genética no controle de pragas e outras ameaças à colheita. Nesse meio, há espaço para avanços. Em 2014, o agrônomo Sergio Goldemberg transferiu de São Paulo para Piracicaba sua empresa, a Algae, fabricante de algas que se alimentam de dejetos industriais e os transformam em ração animal. “A pecuária local depende de rações à base de milho, matéria-prima encarecida pela alta cotação em mercados internacionais”, afirma. A intenção de Goldemberg é baratear a tecnologia com o apoio técnico das universidades locais — a Algae já tem acordos com a UFSCar e negocia com a Esalq. Neste ano, a Algae prevê crescer 20% e vender 1 milhão de reais.

Apenas uma estiagem atrapalha a safra de startups da região: a restrição financeira das universidades públicas locais, âncoras das boas ideias. Em janeiro, em meio à queda de arrecadação do ICMS, o governo paulista cortou 233 milhões de reais em verbas para a USP, a Unicamp e a Unesp, destinatárias por lei de 9,57% das receitas com o imposto estadual. “Em 2016, voltamos ao orçamento de 2010”, diz Luiz Gustavo Nussio, diretor da Esalq (*leia entrevista ao lado*). A esperança é que as startups do agro floresçam — e que a bonança dê retorno à universidade, como no Vale do Silício, onde negócios abertos por ex-alunos de Stanford tradicionalmente são grandes parceiros da instituição. Somente a fabricante de computadores Hewlett-Packard doou 300 milhões de dólares à universidade desde 2001. Seguir também esse bom exemplo do Vale do Silício poderá ajudar o ecossistema do interior paulista a crescer firme e forte. ■

CAMPO FÉRTIL

Os motivos para o interior paulista ser um celeiro de startups do agronegócio

1 ACADEMIAS PRODUTIVAS

Juntas, as universidades paulistas e as unidades da Embrapa no estado publicam mais artigos em ciências agrárias e biológicas do que Israel e o Vale do Silício, na Califórnia, duas regiões reconhecidas internacionalmente como polo de startups. A Esalq está entre as melhores escolas agrícolas do mundo

Artigos em ciências agrárias e biológicas publicados de 2011 a 2015⁽¹⁾



Melhores escolas agrícolas no mundo

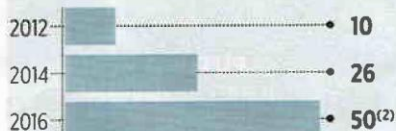
NOTA

1º	Wageningen (Holanda)	100
2º	Universidade da Califórnia em Davis (Estados Unidos)	96,2
3º	Cornell (Estados Unidos)	92,7
4º	Universidade Agrícola (China)	89,6
5º	Esalq (Brasil)	89,1

2 ACESSO A RECURSOS

A Fapesp, agência paulista de fomento à inovação, tem um fundo perdido para startups originadas de pesquisas científicas, o Pipe. É o primeiro passo para a atração de capital de risco privado

Investimentos anuais do Pipe (em milhões de reais)



630
milhões de reais

é o potencial de investimento em startups do agro no Brasil nos próximos dez anos, em fundos como SP Ventures (da Desenvolve SP) e BR Startups (da Microsoft e da Monsanto). O interior paulista, pela excelência acadêmica, é o alvo preferencial

3 PARCERIAS PARA ACELERAR OS NEGÓCIOS

Cientes da importância das empresas de tecnologia para a economia local, gestores públicos, institutos de pesquisa e universidades estão à frente de iniciativas para criar ecossistemas de startups

BOTUCATU

Em 2015, a prefeitura investiu 11 milhões de reais num espaço para startups. Da unidade local da Unesp, referência em pesquisas em genética, saíram 54 empresas desde 2004

CAMPINAS

Em 2015, o Instituto Agrônomo, centro de pesquisa estadual, a prefeitura e a Unicamp associaram-se no Agropolo, uma parceria para atrair startups do agronegócio à cidade

PIRACICABA

Em maio, a Esalq criou o AgTech Valley, um selo para 50 startups locais do agronegócio com quem mantém parceria científica para ajudá-las a se destacar da concorrência

SÃO CARLOS

Em junho, um laboratório da Embrapa na cidade se associou à Qualcomm, fabricante de processadores e investidora em startups, para fazer pesquisas com drones na lavoura

(1) Em São Paulo, soma de USP, Unesp, Unicamp, UFSCar e Embrapa. No Vale do Silício, considera a Universidade da Califórnia, em São Francisco, Davis e Berkeley, e a Universidade Stanford. Em Israel, considera 86 centros de pesquisas e universidades locais (2) Projeção Fontes: Embrapa, Esalq, Fapesp, SciVal/Eisevier e US News and World Report

“O MODELO É STANFORD”

A ESALQ, ESCOLA DA USP PARA CIÊNCIAS AGRÁRIAS, QUER SEGUIR O EXEMPLO DA UNIVERSIDADE AMERICANA E VIRAR UM CELEIRO DE STARTUPS. PARA SEU DIRETOR, O ENGENHEIRO LUIZ GUSTAVO NUSSIO, É A RECEITA PARA SE MANTER RELEVANTE

A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo, foi apontada, pela segunda vez, a quinta melhor no mundo em ciências agrárias. Na lista do final de 2015 da consultoria americana US News and World Report, a Esalq está à frente de centros prestigiados, como a escola de agricultura da Universidade Harvard, sétima colocada. A meta do diretor da Esalq, o engenheiro-agrônomo Luiz Gustavo Nussio, é galgar mais posições até o fim de sua gestão, em 2018. A estratégia é ser um polo de startups, a exemplo da Universidade Stanford, no Vale do Silício, na Califórnia. Em maio, Nussio lançou o AgTechValley, um selo para as empresas de tecnologia voltadas para o agronegócio de Piracicaba, no interior paulista, onde fica a sede da Esalq. O próximo passo é mudar o currículo para enfatizar habilidades de gestão dos alunos. A seguir, Nussio explica por que isso é importante.

Por que uma mentalidade de startup faz sentido para a Esalq?

As novas tecnologias mudaram o trabalho no agronegócio. O emprego em grandes empresas ficou escasso. Para a universidade se manter relevante, precisamos formar alunos multidisciplinares, que não só acumulem conhecimento mas também saibam gerir sua carreira. A pesquisa científica deve servir para garantir a empregabilidade dos alunos.

Quais mudanças isso vai exigir no funcionamento da escola?

A meta é que tenham na universidade de uma grande ideia que vire um

negócio ao sair dela. A exemplo do que fazem escolas melhores do que a Esalq, montamos disciplinas que misturam áreas do conhecimento. Um exemplo é a defesa vegetal, um conhecimento vital para as exportações de matérias-primas e que passa vários departamentos. O curso

para lá. Queremos criar um ambiente de reconhecimento semelhante.

Como criar esse reconhecimento?

A primeira medida foi criar um selo, o AgTechValley, para as cerca de 50 startups de Piracicaba voltadas para o agronegócio e que já mantêm al-



LUIZ NUSSIO, DIRETOR DA ESALQ:
“Queremos formar donos de startups”

GERMANO LUDERS

terá professores espalhados pelos departamentos de entomologia, de microbiologia e de plantas daninhas. Em 2017, eles darão aulas aos mesmos alunos. Queremos melhorar a comunicação dos eventos científicos promovidos pela universidade — temos um a cada dois dias. Na Universidade Stanford, berço de muitas startups do Vale do Silício, na Califórnia, encontros assim são concorridos. Pessoas do mundo inteiro vão

um tipo de parceria científica com a Esalq. A ideia é que o selo as ajude a fechar negócios. O próximo passo é usar a excelência acadêmica da Esalq na atração de mais startups. A universidade está disposta a ser uma parceira na pesquisa científica necessária para o crescimento das empresas. Atualmente, cerca de 10% dos quase 1000 pesquisas realizadas todo ano pela Esalq viram negócios. A meta é dobrar o volume até 2018.